

Depois uns minutos lá dentro, dá para se acostumar com o cheiro de papéis antigos e produtos de limpeza – mas com a aura encantada que parece envolver todo o espaço, não. “É uma biblioteca preciosa, muito preciosa, e que guarda a memória do pesquisador de História do Brasil. Não tenho nenhum receio em afirmar que a Bahia é precursora na pesquisa e na produção científica no país. O Instituto Geográfico e Histórico é uma testemunha dessa produção. E a biblioteca é maravilhosa, uma das mais bonitas que já vi em Salvador, assim como a do Instituto Feminino”, opina Ana Virgínia Pinheiro, bibliotecária responsável pelo acervo de obras raras da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Os livros da instituição podem ser consultados, mas nunca levados para casa. Para usar as obras que, juntas, somam cinco milhões de páginas, basta preencher uma ficha e pedir o título. “Mas também trabalho como uma bibliotecária de referência. Se a pessoa não souber exatamente o que precisa, ajudo a encontrar a obra certa”, explica Simone. Em 2017, 1.140 pessoas visitaram a Biblioteca Ruy Barbosa. De janeiro a abril deste ano, já foram 287.

Embora qualquer pessoa possa consultar os livros, o acesso ao acervo é restrito. Antes de chegar ao leitor, a obra passa pela bibliotecária. “Tudo isso é para garantir a segurança, nunca passei por um roubo de livro. Minha mesa fica num local estratégico, não tem ninguém que entre e saia aqui que eu não veja”, brinca.

Além da biblioteca, quem pesquisa na instituição conta com duas hemerotecas, que guardam o maior acervo de jornais da Bahia, com publicações que datam do ano de 1858. Entre elas estão os extintos Correio de Notícias, Diário da Bahia e Gazeta do Povo, além do A TARDE e outros jornais locais. A Hemeroteca I, que

abriga os jornais ainda em circulação, é como um esconderijo secreto. Para chegar a ela, no subsolo do prédio, é preciso abrir uma porta bem baixa que, de longe, mais parece uma parede. “O projeto é digitalizar os jornais e levar a hemeroteca para outro espaço com condições melhores”, diz o presidente do IGHB.

RARO, ÚNICO E PRECIOSO

Desde o seu primeiro dia no instituto, Simone nunca viu uma obra rara ser disponibilizada para consulta. “Só disponibilizamos se for algo imprescindível para a pesquisa. Nesses casos, é preciso justificar a necessidade”, afirma Luiz Américo Lisboa. “Tanto por questões de segurança quanto para preservar o livro”.

Essa preocupação começou em 2007, depois que uma quadrilha roubou três obras da biblioteca: *Viajem às Terras Goyanas*, de Oscar Leal (1892), *The New Brazil – Its Resources and Attractions* (1907), de Marie Robinson Wright, e a edição de 1647 de *Rerum per octennium in Brasília et alibi nuper gestarum sub praefectura*, de Gaspar Barleus, uma obra rara. “Não existe livro raríssimo, todos são raros igualmente. Mas eu diria que a obra de Barleus é raríssima”, reflete Simo-

Em estilo neoclássico, a Biblioteca Ruy Barbosa possui cerca de 45 mil livros

ADILTON VENEGEROLES / AG. A TARDE

